



‘PARA EXAMINAR UMA PLANTA, NÃO BASTA TER PRESENTE UM RAMO’: UMA ‘FLORA MEDICINAL’ INÉDITA DO SÉCULO XIX

David Felismino* e Palmira Carvalho**

* Museu Nacional de História Natural e da Ciência – Universidade de Lisboa. Centro de História d’Aquém e Além-Mar – Universidade Nova de Lisboa. dfelismino@museus.ulisboa.pt

** Museu Nacional de História Natural e da Ciência – Universidade de Lisboa. Ce3C – Centre for Environmental Biology. pcarvalho@museus.ulisboa.pt

Resumo

Dada a sua importância farmacológica, a circulação de plantas medicinais e informação associada em memórias manuscritas, livros e ilustrações, ocupou nos séculos XVIII e XIX um papel relevante em expedições naturalistas, na constituição de coleções, no comércio e nas políticas de governos.

As viagens científicas, incentivadas em finais do século XVIII pela Coroa portuguesa no âmbito da atividade do Real Museu da Ajuda, contribuem significativamente, através da remessa sistemática de exemplares e relatórios detalhados para Lisboa, para o conhecimento das virtudes medicinais de espécies nativas do império português. Entre outros, Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815) confere particular atenção às potencialidades farmacológicas e económicas da flora paranense no Brasil.

O Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa preserva, nos seus acervos, uma *Flora Medicinal* inédita, proveniente do espólio deste naturalista luso-brasileiro. Recentemente ‘redescoberto’, este pequeno manuscrito inacabado e, até agora, desconhecido, fora enviado pela viúva de Rodrigues Ferreira ao Real Museu em Julho de 1815, aquando da morte do naturalista. Enviado para a Academia Real das Ciências em 1838, integrou as coleções da Escola Politécnica entre 1858 e 1862.

A *Flora*, redigida entre 1814 e 1815, e composta por 122 ilustrações aquareladas, descreve e classifica um número correspondente de espécies botânicas europeias, africanas e brasileiras com propriedades terapêuticas. Retoma, em larga medida, os primeiros volumes da *Flore Médicale* (1814) do francês François P. Chaumeton (1775-1819), às quais porém são acrescentadas o epíteto comum português.

Nesta comunicação, além de uma apresentação detalhada deste manuscrito inédito, analisá-lo-emos de um ponto de vista histórico, científico e estético, procurando devolver significado e propósito iniciais ao documento, quer no âmbito da atividade do Real Museu da Ajuda, quer do trabalho de Rodrigues Ferreira.